

ARTICULAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO:

ANÁLISE DO LAÇO FRATERNAL EM CIDADE DOS HOMENS

SCHWERTNER, Suzana Feldens - PPGEDU/UFRGS

GT: Educação e Comunicação / n. 16

Agência Financiadora: CNPq

Estudar a mídia é um risco (...). Isso implica, inevitável e necessariamente, um processo de desfamiliarização. Questionar o dado-por-certo. Mergulhar abaixo da superfície do significado. Recusar o óbvio, o literal, o singular. Em nosso trabalho, muitas vezes e com razão, o simples se torna complexo, o óbvio opaco. Luzes brilhantes fazem desaparecer as sombras. Está tudo nos cantos (SILVERSTONE, 2002, p. 35).

Estudar a mídia. Demorar-se nas imagens. Deixar-se tocar por elas, surpreender-se com novas formas de linguagem, com a sonorização que invade as cenas. Estranhar o cotidiano, o rotineiro, o “dado-por-certo” do discurso. Pois não são essas tarefas inerentes à Comunicação e à Educação? Creio que sim, e é a partir de tais problematizações que o presente trabalho procura colocar em jogo discursos acerca do laço fraterno na mídia televisiva, assumindo os riscos que se apresentarem pelo caminho.

As imagens escolhidas para análise não são meras imagens; fazem parte da história do nosso presente, mobilizam-nos, seja por nos tocarem e nos surpreenderem, seja por nos chocarem. Acredito que a *microsérie*¹ de TV *Cidade dos Homens*² proporciona esses dois tipos de sentimentos: surpreende pelas passagens sensíveis, que abordam compromissos de solidariedade, convivência, cuidado com o outro. E também choca ao nos mostrar esses pontos sensíveis em meio à violência urbana, ao tráfico de drogas, à exclusão social e racial, assuntos pungentes e urgentes na sociedade brasileira contemporânea.

A escolha por trabalhar com imagens, analisar programas da mídia televisiva não ocorre de forma neutra e insípida – como ainda fantasiam alguns pesquisadores. Pesquisar televisão é investigar um evento/acometimento do qual também faço parte: assistir à televisão é também um hábito rotineiro, ao qual me entrego como a maioria dos telespectadores. Como problematizar, a partir de estudos, teorias, análises de programas, algo que é tão presente e cotidiano? Inicialmente, eu diria que através do estudo das teorias,

1 Denominação utilizada pela própria emissora, informação obtida no *site* do programa, no endereço www.cidadedoshomens.globo.com.

2 Produção O2 Filmes, realização Central Globo de Produções.

das análises de pesquisas, de discussões em seminários, congressos, em trabalhos de recepção. Posteriormente, acredito que é preciso aceitar a parcialidade do trabalho, apostar no mergulho ao mundo das imagens, do qual nunca retornamos neutros. Não há como me separar da pesquisadora: o objeto empírico que escolho é parte de mim, e também me escolhe a partir de minhas perguntas, problematizações e desassossego.

Desassossego: eis a palavra que melhor define a inquieta busca pela questão teórica e empírica do presente trabalho. O encontro com a obra “Função Fraternal”, no ano de 2002 e com a temática da função fraterna me surpreendia: enfim, um conceito psicanalítico que reconhecia a necessidade do irmão, do laço fraterno e, conseqüentemente, do espaço horizontal como suporte às identificações psíquicas do sujeito. Idéias novas, uma fratria de autores desenvolvendo novas formas de pensar, questionando tantas outras funções já estabelecidas e estudadas. No mesmo ano, 2002, foi lançado pela Rede Globo um novo programa, um seriado de ficção – *Cidade dos Homens* – baseado na repercussão do enorme sucesso de bilheteria do longa-metragem *Cidade de Deus*³. Programa diferencial desde a sua concepção: os protagonistas, assim como a maioria do elenco, eram negros, e a temática de ficção, narrada pela visão de duas crianças, chamavam minha atenção e reacendiam a chama do desassossego. *Cidade dos Homens* iniciava sua trajetória e, para mim, estabelecia-se ali alguma relação com os estudos sobre a função fraterna.

Mas uma enormidade de perguntas necessitava ser problematizada. De que forma uma emissora de TV como a Rede Globo se autoriza a veicular um programa como *Cidade dos Homens*? É preciso considerar a força que os movimentos políticos e sociais vêm conquistando na sociedade brasileira, especialmente os movimentos de “minorias” que lutam por igualdade de direitos, como os trabalhadores rurais, os negros, os homossexuais, os portadores de deficiência física, as mulheres. Movimentos que começam a fazer parte também da esfera televisiva. É necessário considerar ainda a forma como a televisão incorpora o discurso desses movimentos e o transforma para ser devolvido ao público. O que interessa é pensar em como estabelecer relações entre a visibilidade da legitimidade de um movimento político/social e a visibilidade da domesticação desse mesmo movimento? Questionamos a veiculação desse programa na Rede Globo de Televisão, transformando em espetáculo a pobreza humana, a pobreza brasileira, a favela, a violência urbana. Queremos

3 Direção de Fernando Meirelles, co-direção de Kátia Lund, co-produção da O2 Filmes, GloboFilmes e VideoFilmes. Brasil, 130 min, 2002.

também destacar a complexidade, a angústia que nos provoca a incorporação que a TV promove com tudo o que ocorre neste país. O que essa “telefagia” produz de sentidos deixa novas perguntas para os trabalhos de pesquisa e para a própria prática pedagógica escolar, no dia dia-a-dia dos professores.

Paralelamente, é preciso investigar mais profundamente os programas de televisão. Em recente artigo, a professora e crítica de cinema da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ivana Bentes, discorre acerca de recentes produtos da televisão brasileira que parecem se libertar de um *imaginário popularesco*, de uma homogeneização da cultura popular representada por algumas figuras características. Como exemplo de diferenciação com aqueles limitados produtos, Bentes cita os programas *Brasil Legal*, *Turma do Gueto*, *Cidade dos Homens* como “potência do novo e signo da desmassificação”, tornando-se objeto de desejo social. Destaca a autora:

Com a visibilidade social e o debate político em torno da pobreza, a televisão e o cinema descobriram novos sujeitos do discurso: pobres, subempregados, artistas precários, rappers, gente das periferias que têm uma fala sobre si e sua condição e exigem visibilidade, além de mudanças reais. Personagens que povoam as novelas, videoclipes, institucionais, filmes, não mais tão humildes e conformados ou como figuras do risco, mas como portadores de discursos afirmativos e de reivindicação (BENTES, 2005).

A meu ver, é sobre esses novos personagens do discurso que o seriado *Cidade dos Homens* versa: os moradores da periferia, que sobem o morro para reclamar ao seu “patrão” a falta de dinheiro para comprar remédio, as crianças pobres que fogem da luta entre policiais e traficantes na favela, os jovens negros que procuram, com árdua luta, o primeiro emprego.

Não desconheço a imensidade de temas interessantes que envolvem o programa e temáticas urgentes, importantes e sérias que podem ser trabalhadas a partir do produto, tais como questões de raça, de gênero, de etnia, de preconceito racial, da problemática da exclusão social. Porém, minha pesquisa procurou tratar mais pontualmente das relações de fratria nesse produto televisivo⁴ – e talvez iremos descobrir que a gama de questões mais

4 Vale destacar que cada capítulo da microssérie *Cidade dos Homens* é produzido por uma fratria de roteiristas e produtores. A título de exemplo, o capítulo “A Coroa do Imperador”, o primeiro do ano de 2002, apresenta Fernando Meirelles, César Charlone e Jorge Furatdo como roteiristas e César Charlone como

urgentes relacionadas acima possui uma relação muito próxima com o conceito de função fraterna.

Julgo importante também problematizar a televisão não apenas como mero lugar de entretenimento, mas também como *locus* educativo; não apenas um lugar produtor de programas de baixa qualidade, mesquinhas, alienação, mas como espaço de transgressão. Pergunto-me acerca das contundentes críticas em relação à televisão: seria ela que nos persegue, aniquilando qualquer experiência, anulando o pensamento crítico, impossibilitando a reflexão; ou seríamos nós os perseguidores da televisão, a pensar que ela não pode proporcionar algo novo e revolucionário, eximindo-nos, dessa forma, de nossa responsabilidade perante esse veículo de mediação, dos mais importantes na atualidade?

Nessa pesquisa já concluída, procurei analisar o objeto empírico selecionado – o programa *Cidade dos Homens* – a partir de relações estabelecidas com o objeto discursivo, no caso, o conceito psicanalítico função fraterna. Uma das idéias principais deste trabalho caracteriza-se pela tentativa de estabelecer amarragens entre teoria e método, entre discussão de conceitos e análise do objeto empírico da maneira mais coesa possível. Um dos objetivos do texto é apontar questões do laço fraterno, de convivência solidária e de cuidado com o outro, apresentados em um programa de televisão. O trabalho pergunta quais as possíveis formas de convivência fraterna propostas no produto *Cidade dos Homens*? Apesar de toda uma conjuntura contemporânea política, econômica e social que prioriza aspectos individuais, que imprime modelos de relações cada vez mais intermediados por objetos e imagens de consumo, acreditamos que há espaço – e demanda – para uma experiência do fraterno nestes tempos de “sociedade do espetáculo”. Trato aqui da convivência fraterna especialmente entre jovens, por ser essa uma fase representativa da fratria, dos grupos que se reúnem a fim de compartilhar experiências, momento em que se revela mais marcadamente uma sociabilidade extrafamiliar, e também por constatar uma ampla produção televisiva destinada ao público jovem. As duas questões fusionadas (laço fraterno e juventude na mídia) estão propostas no programa *Cidade dos Homens*. Uma análise inicial me permitiu perceber a qualidade da produção, o cuidado com o roteiro e o tratamento de questões que se aproximam de características que estou entendendo como similares às características da função fraterna.

O programa que selecionei da TV é uma espécie de melodrama do gênero dramático: forma de novela em que os conflitos são simplificados, o bem e o mal são rigorosamente delineados e há uma busca pela redução das ambigüidades. Ismail Xavier (2003) afirma que o melodrama é a modalidade mais popular na ficção moderna. É impossível negar a estrutura melodramática que também caracteriza o programa *Cidade dos Homens*: estão presentes ali o bem e o mal, uma aproximação entre o que é bom e deve ser valorizado, em contraposição ao que é mau e moralmente negativo. Está lá também manifesto o politicamente correto, a boa moça que quer livrar o namorado das garras do tráfico, o bom samaritano que não se envolve com as drogas. Há o cruel personagem, conhecido como “patrão”, líder do tráfico, que se torna dono da vida e da morte dos moradores do morro. Mas é preciso apontar, ainda, pontos de resistência a esse tipo de gênero, em certos momentos do seriado, os quais implodem algumas características referentes ao melodrama. Citamos, assim, o momento em que os personagens são inundados por dúvidas frequentes acerca de seus pensamentos, ou alguns instantes em que são realizadas críticas ásperas à própria televisão e ao próprio tema do seriado.

Em razão da linguagem melodramática e dos termos do imaginário, o programa responde a uma demanda de laço fraterno que existe na sociedade – demanda que vem do social e vai para a TV, sendo ali transformada pela sua linguagem, recriada de certa maneira, através de certa formatação e padronização. Ao mesmo tempo, o programa escapa a essa lógica e apresenta-nos um outro ponto de enunciação, que questiona certas verdades e amplia a importância do laço com o semelhante. A produção sugere alguns momentos de criação e de diferenciação do programa que, a nosso ver, fazem de *Cidade dos Homens* um programa diferenciado.

Análise de imagens: metodologia de pesquisa

O ensaio de análise de imagens produz sentidos e pode acabar, muitas vezes, por fixar determinados valores e idéias acerca do programa que se analisa. Todavia, é possível realizar este trabalho de forma mais livre, torná-lo um estudo mais criativo, que estabeleça alguns entrelaces de sentido. Deve-se considerar formas de aprender a ler e a ver o mundo e as imagens de forma mais deslizante, com intermediações necessárias e com interrelações com outros campos de saber e de produção de sentido.

Autores consagrados da análise de discurso, como Michel Foucault, e da análise

semiológica, como Roland Barthes, chamam nossa atenção para uma análise mais complexa e apurada, isenta de intenções: eles atentam para uma possível exploração da imagem, em sua superficialidade e ao mesmo tempo profundidade, incitando um posicionamento interrogativo. Tal postura, para além ou aquém do denunciamento ou da constatação, diz coisas, fala por si – análise das imagens que se traduz em análise de discurso e, por sua vez, em implicações éticas e políticas.

A partir dessa perspectiva, procuramos conduzir a análise do programa *Cidade dos Homens*. Selecionamos os nove capítulos veiculados pela Rede Globo de Televisão nos anos de 2002 e 2003, quatro e cinco capítulos, respectivamente. Todos os capítulos (com episódios de aproximadamente 30 minutos cada um) foram transcritos integralmente. O trabalho de transcrição envolveu não apenas a escrita do conteúdo das falas de cada personagem, além das incontáveis narrações em *off*, mas também a descrição de cada cenário, a sonorização, a edição e a sintaxe televisiva.

A análise foi realizada a partir da relação entre o conceito psicanalítico de função fraterna (sua definição, principais características, pontos de intersecção) e os diferentes tipos de recursos da linguagem televisiva utilizados no programa. A partir dessa relação, em que verificamos uma estrutura homóloga à estrutura da função fraterna, criamos quatro “categorias” de análise, intituladas “Monólogo solidário”, “Cidadania e subcidadania”, “Pa(i)trão e parceria”, “Encontro ‘ao vivo’”. Levando em conta o modo de trabalhar de Foucault, procuramos manter a inseparabilidade entre teoria e método.

1) Monólogo Solidário

João Victor, narração, *close* no seu rosto sério: *Tá meio difícil de enxergar algum futuro daqui! Acho que eu vou ficar preso nesse inferno até um pivete daquele ali, ó, vim* (imagem de Laranjinha, no meio da rua, visto de cima, da janela de João Victor) *e me acertar!*

Imagem de Laranjinha caminhando na rua, imagem de perfil; no alto se vê a janela de João. Narração: *Sem amigo, sem escola, sem comida e com a mãe pela metade* (*close* no rosto de Laranjinha, que olha pra cima). *Ih, olha lá, aquele garoto na janela!*

Close no rosto de João, que olha para baixo: *Tem que ser muito corajoso pra andar na rua a essa hora. Mas ele não tem cara de corajoso* (*close* no rosto de Laranjinha).

Os dois falam ao mesmo tempo, as frases se confundem, imagem de João Victor, apoiado na janela, visto de baixo, do plano da rua.

Laranjinha: *O que ele tá fazendo acordado sozinho a essa hora?*

João: *O que ele tá fazendo acordado sozinho na rua?*

João e Laranjinha, juntos: *Ele parece tão perdido!* (imagem de Laranjinha bem no meio da rua, visto de cima, do plano da janela de João Victor).

João apoiado na janela: *Que nem eu!*

Laranjinha, *close* no seu rosto, olhando pra cima: *Que nem eu!*

A primeira categoria versa sobre uma técnica de linguagem muito presente no seriado, tal como analisamos no quarto capítulo: a narração. Aqui, no entanto, destacamos, principalmente a narração dos personagens sobre o seu pensamento e sobre o fato de cada um pensar o outro no próprio pensamento. Os personagens parecem realizar um diálogo através do próprio pensamento, levando em conta idéias de outros que passam por sua vida. Tal efeito acaba por implicar a dúvida no pensamento e questionar as certezas obtidas até então. Relacionando com o conceito-chave do estudo, é preciso destacar que a função fraterna permite e demanda que o sujeito pense a si mesmo e aos outros. A relação horizontal (entre semelhantes) é caracterizada pela dúvida, pelos constantes questionamentos, pela criação de respostas provisórias, pois não há um ente superior que lhes proporcione garantias.

O uso do termo monólogo serve para pensar na “narração solitária” que acontece dentro do pensamento de cada personagem – é imprescindível destacar que o personagem permanece em silêncio, mas sua voz é ouvida e seus pensamentos são como que compartilhados com o telespectador: o monólogo interior, dessa forma, “... exprime sempre o discurso mental, não pronunciado, das personagens” (REIS e LOPES, 1996, p. 238). Já o termo solidário serve para apontar que há outro(s) naquele pensamento, no sentido de levar o outro em conta. O monólogo solidário pode ser uma das formas de apresentar o sujeito da função fraterna, em que o pensar sobre si implica o pensar no (a partir do) outro. Cabe ressaltar que, numa época em que se propõem convites a voltar-se para a intimidade, momento em que, por vezes, pode imperar o narcisismo e o culto ao individualismo, poderia haver uma associação do monólogo interior com a valorização do individualismo. Mas não é disso que se trata aqui; antes, exatamente o contrário.

Mesmo à distância, e através de pensamento, podemos destacar um certo “apelo ao outro para que reconheça e valorize traços que marcam a semelhança entre eles” (KEHL, 2000, p.225), pensar na importância do outro como um mediador na relação do sujeito consigo mesmo. Para Kehl (2000), a fratria se caracteriza por proporcionar cumplicidade e campo fértil para a reflexão do vivido. E tal reflexão se torna ainda mais importante a partir

do momento em que os sujeitos podem contabilizar suas diferenças, pensando juntamente com as questões trazidas pelo outro. O tom reflexivo, característico das fratrias, é representado no seriado através do constante uso da narração em *off* ou mesmo da apresentação dos pensamentos dos personagens, através do monólogo interior. Essas técnicas de linguagem, por não serem tão diretivas como um diálogo, parecem fazer o telespectador pensar juntamente com os personagens.

2) Pa(i)trão e Parceria

Laranjinha: *Quatro anos pra virar gerente e agora quer sair da boca?* (Laranjinha olha para dentro do quarto, para o primo deitado na cama e volta a olhar para Acerola). *O cara tem tênis, roupa de marca, o cara tem tudo!*

Acerola, encarando o amigo: *O que adianta o cara ter tudo mas tá com uma bala na perna?*

Laranjinha olha para Acerola: *Ih, daqui a pouco ele tá bem, pegando as mina* (câmera foca no rosto de Espeto, que escuta a conversa e faz uma cara de preocupação) *mais gostosa do morro!*

Acerola, para Laranjinha, ensaia uma expressão irônica: *Tá, ele tá com dez mulheres gostosas no morro... e se o cara tá morto?*

Laranjinha, preocupando-se: *Fala merda, não, moleque, daqui a pouco ele tá bonzão, andando...* (aponta para a cama em que Espeto está deitado, imagem que mostra Zuleide – a namorada – fazendo curativo em Espeto).

Acerola, falando em tom mais forte: *Andando só aqui em cima, se ele descer pro asfalto, sabe que os cara pega ele!*

Laranjinha, visivelmente irritado: *Descer pra quê? Aqui ele tem dinheiro, mulher, geral considera ele aí...*

Acerola, olhando diretamente nos olhos de Laranjinha: *Tu acha que considera? A geral tem medo dele... e ele mais ainda!*

A segunda categoria trata das duas formações pertencentes ao espaço fraterno: a fratria e a gangue, que aparecem bem delimitadas no seriado. Kehl (2000) discute com cuidado a formação das fratrias, que se caracterizam pela fragilidade de sua formação. Dessa forma, uma fratria que acaba por diferenciar um de seus membros e alçá-lo a uma posição mais elevada do que a dos demais, torna-se uma gangue. E a gangue necessita de um líder, de uma que assuma tal lugar com marcas da brutalidade, perversidade, intolerância e arbitrariedade. Apontamos a fratria (aqui, associada à “parceria”) como o cuidado do outro, a atenção, a solidariedade, o investimento no laço fraterno – especialmente no que diz respeito à responsabilidade de cada um frente ao laço social. Já a gangue (aqui identificada como “pa(i)trão”) seria uma fratria desgarrada do corpo social, um certo tipo de “aprisionamento imaginário em uma suposta identidade” (KEHL, 2000).

O que percebemos é que o chamado a um pai tirânico – que aqui denominei de pa(i)trão – acontece de forma mais intensa e bem marcada na gangue, espaço que desconsidera a manutenção das fratrias. Podemos relacionar a força que adquire o *pai* através de uma espécie de escolha com que somos confrontados em nosso tempo, uma escolha entre a garantia (e juntamente com ela a sujeição a uma entidade superior) e o desamparo (que expõe a fragilidade do laço, mas também possibilita a criação de algo novo no coletivo). A escolha da garantia traz consigo a procura de um lugar, de uma figura que reclame que o sujeito faça algo, o que leva conseqüentemente a uma desenfreada ação de obedecer sem pensar, tal como Hannah Arendt nos descreve a respeito da figura de Adolf Eichmann, um dos responsáveis pela “Solução Final” levada a cabo pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. A banalidade do mal, subtítulo da obra de Arendt (1999) pode ser traduzida como o vazio de pensamento demonstrado por Eichmann. Segundo a autora, “Quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de *pensar*, ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa” (ARENDR, 1999, p. 62, *grifo da autora*). As palavras de autoridade proferidas a partir desse lugar de garantia propiciam um resgate de certezas perdidas, e assim a obediência cega ao mandante faz com que uma indiferença ao outro se instale sem cessar: eu obedeço às ordens, por mais obscuras que elas forem – ainda que eu não concorde com elas (como era o caso de Eichmann) – e, em troca, eu recebo uma proteção e a isenção de ter que elaborar algo em conjunto, de ter que passar pela dificuldade da negociação, das trocas, das discussões, tão comuns à fratria.

Segundo Kehl (2000), as fratrias se caracterizariam justamente pela filiação entre os membros, pela negação da ocupação de um lugar superior que contém a verdade e a certeza e pela união de esforços para a criação de novas configurações de sentidos – que seriam legitimados pelo conjunto. Haveria ali espaço para a irrupção de uma outra ordem, que seria capaz de criar novas formas de sociabilidade e expressividade.

3) Cidadania e Subcidadania

Meninas “pati” (segundo a denominação de Laranjinha) chegando à areia da praia, uma delas passa a mão no cabelo. As meninas estão vestidas igualmente: blusa regata e minissaia, argolas enormes nas orelhas e bolsas no ombro. Ambas com os cabelos castanhos, lisos e escorridos. Uma das meninas comenta, ao ver a praia repleta de negros

a sua volta.

Duda: *Caroooool...*

Carol: *Duda, o que tá essa praia?*

Duda: *Cê sabe que eu não sou racista, Carol, cê sabe que eu não tenho o menor preconceito com preto, mas perai: mora no Vidigal, vai na prainha do Vidigal; mora no São Conrado, vai no cantão do São Conrado... agora, com uma praia tão grande dessas vem em frente à minha casa?*

Carol: *Mas não fizeram até aquele piscinão lá pra eles? (imagens dos negros no mar) Eu não tenho o menor preconceito, eu sou madrinha da filha da minha empregada...*

Duda: *Não, eu só acho que não tem necessidade!*

Nesta terceira categoria destacamos as inúmeras cenas em que emerge o preconceito racial e social, em que se apresentam algumas noções de quem pode ser cidadão e de quem não o é em nossa sociedade e as questões sobre a demarcação de lugares para cada grupo social. A idéia de reconhecimento, apontada por Jessé de Souza (2003) é fundamental nesta categoria. O tema do reconhecimento, diz o autor, envolve respeito e auto-estima e é fundamental para a formação da identidade nacional, tanto em nível individual quanto coletivo. O autor destaca a importância de se entender que “... somos formados através do reconhecimento ou da sua ausência e que o reconhecimento tem uma base cultural, comunitária e lingüística” (SOUZA, 2003, p. 37). A partir dessa idéia, Souza pontua como objetivo político a urgente atenção a minorias e às culturas minoritárias. Podemos relacionar o reconhecimento tanto com a questão da juventude, já que se trata também da inserção desses jovens na sociedade, quanto com a questão da desigualdade social, pois também estamos falando em inclusão social.

Podemos relacionar essa problematização com o conceito de função fraterna quando se aponta para o *locus* de constituição de uma fratria: um espaço da experiência democrática consistente, segundo Figueiredo (2000), em que a condição fundamental de convivência fraterna diz respeito à *semelhança na diferença*. Ou seja, a possibilidade de diferença, de expressão da particularidade de cada um pode advir da semelhança entre os membros da fratria. Espaço horizontal, o laço fraterno compartilha uma certa dignidade de viver, de circular pelo mesmo espaço público, de possuir o mesmo reconhecimento para todos os membros. Kehl alerta para a perda do caráter coletivo e democrático do espaço horizontal em nossos tempos:

O individualismo moderno promove o recalque do caráter coletivo do que determina nossos atos – isso é justamente o que precisa ser recuperado para restaurar a confiança dos sujeitos no laço social, em relação ao qual somos todos, ao mesmo tempo, agentes e objetos (KEHL, 2000, p. 34).

Em recente entrevista, Chico Buarque denuncia a disseminação de um *apartheid* social na sociedade brasileira e comenta sobre o exemplo explícito que ocorre nas praias do Rio de Janeiro.

O clima hoje na cidade é muito mais pesado. Para não falar lá de cima, na própria zona sul já há territórios demarcados. Eu conheci a praia como um espaço democrático. Hoje em dia já se sente no ar a idéia de que vai existir logo uma fronteira entre Ipanema e o Leblon. Tem um pessoal na altura do Jardim de Alá [moradores de um cortiço na rua do canal que divide Ipanema e Leblon] que desce ali e ocupa a praia. Vira uma paranóia, vira uma hostilidade com esses garotos que ficam circulando ali. (...) As soluções sugeridas para isso, as coisas que eu leio nas cartas dos leitores dos jornais, em geral são fascistas. Virou moda responder a quem defende os direitos humanos com o trocadilho infame dos "humanos direitos" contra os vagabundos que nos tiram o direito de andar livremente pelo calçadão. Isso quando não se defende abertamente a pena de morte, a reclusão dos garotos de rua, a diminuição da maioridade penal, a prisão perpétua. Eles querem exterminar com os pobres do Rio. Se puderem sumir com aquilo tudo – ótimo. Os meninos são os inimigos, são os nossos árabes, são os nossos muçulmanos (BUARQUE, 2004).

Acreditamos que, com esses exemplos, o programa proclama uma denúncia contra todo e qualquer tipo de subcidadania, indicando um apelo para a importância das fraternias – talvez como o único espaço de reconhecimento da horizontalidade. Quisemos destacar que o seriado *Cidade dos Homens*, mais do que dizer que não existe cidadania para os protagonistas do programa (quase todos pretos, quase todos pobres; brancos que de tão pobres viram pretos...), realiza uma denúncia sobre essa subcidadania, vivenciada em muitos lugares do nosso país. A partir da análise, entendemos que, ao denunciar a falta de cidadania, propõe algo novo, qual seja, pensar na manutenção de uma fratria que possa acolher ou, ao menos, respeitar essas diferenças.

4) Encontro “ao vivo”

Douglas, olhando para um dos meninos, fala em tom exaltado: *Quem vai querer saber que você não é bandido?*

Marcos, ao seu lado, concorda com Douglas: *Nunca quer saber, irmão, nunca quer saber!*

Marcos, sério, olhando para a câmera. *Close* em seu rosto: *Todo mundo já pensou isso na vida, brother, se falar que não, é mentira!* (corte rápido) *De um dia se revoltar, entrar pra boca e ser sinistro pra ter respeito no morro!*

Robson fala em tom de proposição aos meninos: *O tráfico poderia proibir menor de 15 anos.*

Darlan olha para Robson e fala serenamente: *Não, mas ele bota menor porque menor não é preso, brother!*

Douglas, *close* no seu rosto, expressão séria: *Pensando, que bom, vai crescer e vai ser dono do mundo inteiro, mas não vai ser porra nenhuma porque chega na hora, mané, nem dos 18 anos não passa...* (imagem final, meninos sentados no sofá e no chão da sala, assistindo à televisão).

A última das categorias destaca a característica talvez mais pungente e cara ao conceito de função fraterna. Refere-se ao encontro, à convivência, à experimentação do espaço horizontal de trocas e embates, àquilo que relacionamos com a ação humana proposta por Hannah Arendt (2000). Vale destacar a etimologia da palavra encontro. Segundo Antônio Geraldo da Cunha (1982), a palavra é proveniente do latim “incontrare”, surge da junção in + contra, onde “in” significa dentro de; “contra” pode significar ir contra alguém (como preposição) ou relacionar-se como prefixo (contrapor, contradizer). Houaiss (2002) apresenta algumas definições para a palavra encontro, das quais destacamos: “Ato de encontrar(-se), de chegar um diante do outro ou uns diante dos outros” e “Combate ou enfrentamento em que os participantes buscam, ao mesmo tempo, obter um título, uma distinção, etc.; competição, disputa”. Encontramos aqui os dois elementos fundantes do espaço fraterno, quais sejam, a troca de experiências e o embate.

Trata-se de momentos do episódio em que, através de “imagens caseiras”, da simulação de gravação “ao vivo”, os jovens personagens se encontram e conversam, trocam idéias, concordam e também discordam do que falam. Essa simulação da imagem “ao vivo”, não deixa de ser uma estratégia discursiva que busca a simultaneidade da gravação, mas também nos remete a algo do encontro, próprio do laço fraterno, além de criar efeitos de sentido que remetem a uma “autenticidade”, a algo que ocorre “naquele instante”, tal como os momentos de experimentação, de negociação de acordos, tão essenciais à criação e manutenção das fratrias.

Não se trata de sublinhar o conteúdo dessa fala, mas a maneira como ela é

apresentada no episódio, na estrutura de “gravação ao vivo”, que constrói determinados efeitos de sentido e que destaca, a nosso ver, o espaço horizontal e democrático do encontro. Segundo Kehl (2000), são as experiências cotidianas compartilhadas pelos membros de uma fratria que consolidam a quebra da ilusão identitária, propiciando laços de cumplicidade. A fratria, destaca a autora, é garantia de reconhecimento na juventude e possibilita novas identificações exogâmicas. O recurso de “gravação ao vivo” parece atestar a veracidade daquelas cenas.

Destacamos a produção de um discurso que quer se mostrar permanentemente no presente, incluindo lances de improvisação, do inesperado, o elemento imprevisível da ação humana. Dessa forma, parece simular um encontro entre esses meninos, um espaço de experimentação em que a experiência e o pensamento de cada um contam, produzem diferença. Ressalto aqui a disparidade entre a função fraterna, que é produtora de um novo espaço de trocas e de identificação e a representação de um laço fraterno em um programa de televisão, que poderá tratar de modo similar do conceito de função fraterna.

Considerações finais

O presente trabalho propôs-se a articular questões das áreas da Educação e da Comunicação, ao analisar um programa televisivo a partir do conceito psicanalítico da função fraterna. Iniciei a escrita deste trabalho assumindo a idéia de que estudar a mídia implica em “correr riscos” e retorno agora a esse ponto de discussão. Acredito que um dos principais riscos se refere à análise de uma produção cultural contemporânea, exibida em um veículo que está imerso em contradições ao se apresentar, por um lado, como um “lugar” de produção de formas de ser cristalizadas e homogeneizadas e, ao mesmo tempo, como um espaço público que possibilita a visibilidade de novos engendramentos, que também propõe uma multiplicidade de produções. É apostando nesse risco que parto para as finalizações do estudo.

Podemos argumentar que a mídia televisiva responde a uma urgência do nosso tempo ao construir uma trama de visibilidades e de enunciabilidades sobre jovens negros e pobres, moradores da periferia. Aqui também o discurso televisivo é definido pelo paradoxo de, paralelamente, oportunizar a visibilidade de certos movimentos sociais e também de domesticá-los e talvez até mesmo implodir a manifestação de qualquer germe revolucionário, característico de um movimento político e social.

Como se pode comprovar através da análise, a imbricação entre teoria e método enriqueceu o trabalho, constituindo-se uma forma de pesquisa. Ao uso de determinadas técnicas de linguagem de TV, como a narrativa em primeira pessoa (no monólogo interior, na voz em *off*) articularam-se questões referentes ao conceito de função fraterna, possibilitando pensar em uma estrutura homóloga a esta, apresentada pelo programa.

Destacamos no seriado a constante apresentação de ambas as formações do espaço fraterno, a fratria e a gangue. Ao apontarmos para as certezas inabaláveis referentes ao “pa(i)trão” ou às discursividades repletas de preconceitos e de intolerância racial e social presentes na “subcidadania”, entendemos a denúncia que o programa parece realizar contra qualquer manifestação que se julgue superior e que se pretenda dogmática e incontestável – ferindo, dessa forma, qualquer movimento pró-fratria. A denúncia parece propor uma discussão acerca das características referentes ao pai tirânico da horda primitiva, com suas marcas de brutalidade e arbitrariedade.

Paralelamente, podemos dizer que *Cidade dos Homens* apresenta uma estrutura narrativa que se assemelha à estrutura da função fraterna, ao priorizar a necessidade da fala e do laço entre a fratria, ao destacar a provisoriedade das certezas e a implicação da dúvida, seja através do pensamento solidário seja através do encontro com o outro. Em contraposição à cristalização da gangue, que remete a certezas absolutas e a uma garantia frente às relações – geralmente organizadas em uma instância vertical, de autoridade –, a fratria se estabelece no espaço horizontal, lugar de embate e de convivência, e sabe da fluidez de sua formação, de quão frágil é o laço fraterno, que pode ser dissolvido a cada momento. Os personagens que ocupam esse espaço são apresentados como sujeitos divididos, desamparados (pois incompletos), mas cientes da dependência dos laços sociais (que sempre incluem o outro) que carregam em si a potência da transformação.

Sem nomear essa seção como “Conclusão”, podemos entender algumas idéias principais que o programa, através de sua estrutura narrativa, foi capaz de construir, seja apontando para as fratrias, seja destacando a formação perversa do espaço fraterno. Acredito que a principal dessas idéias seja a de ampliar o conceito de função fraterna para questionar formas calcificadas de ser e entender as relações na contemporaneidade. O espaço fraterno, mais do que um lugar de trocas entre semelhantes, deve ser também apreendido como um *locus* de desafios em relação à condição de semelhança na diferença.

Um lugar em que embates façam implodir o preconceito em qualquer de suas manifestações, gritar ante a desigualdade racial e social, denunciar formas de subcidadania e, principalmente, ser capaz de pensar o outro e de responsabilizar-se por ele. Essa é uma postura ética, política e pedagógica, a ser ampliada para uma discussão que implica atravessamentos nos campos da Psicologia, da Educação, da Comunicação.

Nestas considerações finais, torna-se importante também ponderar sobre os desdobramentos deste trabalho, ou as continuidades que a pesquisa pode apontar a partir do que foi discutido até aqui. Cito Foucault: “Não escrevo um livro para que seja o último; escrevo um livro para que outros sejam possíveis – não necessariamente escritos por mim” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Modestamente, acredito que os resultados desta pesquisa podem receber outros tratamentos em posteriores estudos, como um estudo de recepção com jovens em diferentes escolas (públicas, estaduais, municipais, particulares, supletivos), auxiliando a pensar sobre a convivência nestes diferentes espaços – inclusive, discutir sobre a função fraterna nestes espaços de convivência e realizar um estudo comparativo com este trabalho de análise. Igualmente interessante seria realizar um estudo de recepção junto a professores, propondo sessões em que se assistisse ao programa *Cidade dos Homens*, seguidas de discussão sobre os tópicos principais do programa, ressaltando aspectos de uma outra juventude e da importância do laço fraterno nessa fase da vida. Outro estudo poderia seguir com uma análise do programa nos anos de 2004 e 2005 (uma vez que a emissora já programou a apresentação do seriado neste ano), bem como de sua adaptação para longa-metragem, a ser exibido no ano de 2006⁵.

Todas essas propostas levam em conta a importância de um trabalho que priorize a posição interrogativa do pesquisador (seja ele pedagogo, psicólogo, comunicador, etc.) que se proponha a priorizar a experiência da mídia, a falar “de dentro” das imagens, analisar a linguagem e os efeitos de sentido ali produzidos. Somente assim seremos capazes de realizar um estudo comprometidamente ético e político que “... problematize nossos modos de ver hoje, articulando um mergulho nas imagens da mídia, nos discursos que ela faz circular e nos modos de subjetivação que eles incitam” (FISCHER, 2002, p. 91).

Referências

5 A equipe iniciou as produções do longa-metragem, intitulado *Cidade dos Homens – O Filme*.

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. **Eichmann em Jerusalém** – um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BENTES, Ivana. **A pobreza criadora da folkmídia**. Capturado em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2301200502.htm>, em 26/01/05.
- BUARQUE, Chico. **O tempo e o artista**. Capturado em www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2612200409, em 27/12/2004. Entrevista concedida a Fernando de Barros e Silva.
- COSTA, Jurandir Freire. **A violência é resultado da desigualdade**. Istoé. São Paulo: Editora Três, ed.1836, 15 de dezembro de 2004, p. 09-13. Entrevista concedida a Francisco Alves Filho.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio. Sobre pais e irmãos – mazelas da democracia no Brasil. In: KEHL, Maria Rita (Org). **Função Fraternal**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 145-170.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. In: **Revista Brasileira de Educação** – ANPEd. São Paulo: Editora Autores Associados LTDA, nº 20, Maio/Jun/Jul/Ago, 2002, p. 83-94.
- FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault, por Sergio P. Rouanet e J. G. Merquior. In: ROUANET, Sergio Paulo; MERQUIOR, José Guilherme; LECOURT, Dominique; ESCOBAR, Carlos Henrique de. **O homem e o discurso** (a arqueologia de Michel Foucault). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 17-42.
- KEHL, Maria Rita. (Org). **Função Fraternal**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Almedina, 1996.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2002.
- SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania** – Para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.
- XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena** – Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

